

TRADIÇÃO E ORIGINALIDADE NO POEMA ÉPICO DE GESTIS MENDI DE SAA, DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

Sara Lucia Amelia Brandellero

A análise do poema épico *De Gestis Mendi de Saa*, do Padre José de Anchieta, terá como finalidade o estudo dos elementos que, no poema, entram na tradição do gênero épico ocidental e dos elementos que fazem do poema uma obra particularmente original e preciosa na história da literatura brasileira. Embora escrito em latim, o poema pertence à nascente literatura do Brasil, por tratar de acontecimentos marcantes do Novo Mundo, com uma descrição pioneira do homem e da natureza locais.

O *De Gestis* é a epopéia de um importante capítulo da história do Brasil. Narra as lutas do governador português Mem de Sá e de seu filho Fernão pelo litoral brasileiro na segunda metade do século XVI. São batalhas contra índios rebeldes e contra os invasores franceses que se encontravam então na Baía de Guanabara.

Anchieta exalta, em seu poema, a ação "civilizadora" empreendida pelo povo português, no caso através de Mem de Sá. Essa verdadeira missão cristã, supostamente calcada em nobres ideais, pressupõe inclusive a catequização dos índios, à qual Anchieta se dedicou pessoalmente. Não bastava expulsar os hereges franceses. Era preciso cristianizar os indígenas, antropófagos e pagãos.

É claramente perceptível a influência de Virgílio na obra de Anchieta. Nas descrições das viagens e tempestades, nas narrações das batalhas, nos discursos ponderados dos heróis, nas inúmeras comparações que encontramos no texto e, finalmente, na forma e escolha de vocábulos, é visível a herança legada pelo poeta de Mântua a Anchieta.

Não se pode, porém, ignorar que Anchieta demonstra, na sua obra, ser um humanista original. Escrevendo em latim, descreveu 15 séculos depois de Virgílio, com a característica simplicidade e elegância, um novo mundo quase totalmente desconhecido ao homem europeu. É justamente nas descrições da natureza brasileira, nas imagens do mundo animal e vegetal, e sobretudo na apresentação do indígena que reside a grande originalidade da obra, dentro da tradição do gênero épico. Não podemos deixar de lado também o aspecto cristão do poema, em que se percebe o afastamento do poeta com relação aos moldes da épica clássica.

Não podemos definir Anchieta como um homem do Renascimento simplesmente pela influência que os autores clássicos, neste caso Virgílio, tiveram na sua produção literária. O anchietólogo Padre Armando Cardoso, na introdução que redigiu para a edição de *De Gestis*, defende o classicismo da obra nos seguintes termos: "As ações mais diretas de Mem de Sá e as mais adaptadas a um poema épico eram forçosamente as guerras. Nem se podia pensar de outro modo na Renascença, em que a poesia preferida nas escolas era a epopéia de Virgílio..." (p. 23).

Esse critério, porém, não nos parece suficiente para tal conclusão. Sabemos, com efeito, que durante toda a Idade Média, enquanto a literatura grega era quase totalmente ignorada e Homero não estudado, Virgílio continuava sendo autor de grande sucesso. O erudito W. Lucas Collins, no seu estudo sobre o poeta, revela: "Os monges, nas suas crônicas, os filósofos, nos seus estudos leigos, animavam as suas páginas com citações do único autor que nenhum homem de letras ousaria confessar desconhecer por completo." (1880:1).

Anchieta é, sim, um poeta humanista, mas o seu mundo ainda é teocêntrico. Como na Idade Média, a sua exaltação do homem é por ser ele um instrumento da vontade divina. A sua visão de mundo reflete a ideologia da Contra-Reforma na sua celebração dos cristãos em seu esforço para esmagar as forças pagãs e hereges do Mal.

A exaltação dos feitos do governador Mem de Sá é um meio de celebração da colonização portuguesa, vista unicamente na sua ação de catequização do Novo Mundo. Assim como Enéas é fundador da civilização romana, que terá como grande imperador Augusto, promotor de renovação, moralização e paz, Mem de Sá é o "fundador" de uma nova ordem, levando a luz da fé ao mundo das trevas.

Escrito pouco tempo depois dos acontecimentos narrados e com o herói ainda vivo, o poema caracteriza-se pela falta de outras grandes figuras. Sabemos, através de fontes históricas, que outros ilustres portugueses participaram das batalhas comandadas pelo governador do Brasil contra os índios e contra os franceses de Villegaignon. Heróis do poema são, todavia, só Mem de Sá e seu filho Fernão, protagonista, este, do primeiro livro do poema.

Mem de Sá surge desde o início como um verdadeiro herói épico. É homem de extraordinária coragem, beleza e sabedoria: "... ornem-lhe o rosto barbas brancas e majestosas: / alegres as feições, sombreadas de senil gravidade, / vivos os olhos, másculo o arcabouço do corpo, ..." (vv. 167-169). Possui "a arte da bela palavra" (v. 173) e é um cristão de fé inabalável, cujo único desejo é libertar "as almas brasílicas às cadeias do inferno" (v. 177).

Para enfatizar o caráter de missão de sua chegada ao Brasil, a data do desembarque no Novo Mundo é fixada nos seguintes termos: "E já trezentos e doze lustros o tempo volvia, / depois que o Criador dos astros, feito homem, / saíra do seio da Virgem Mãe impoluta, ..." (vv. 155-157). Como para todo herói épico, também para Mem de Sá se faz referência à ascendência ilustre. Se Enéas é filho de Vênus e sobrinho de Príamo, e Rolando, sobrinho de Carlos Magno, Mem de Sá também tem sangue de nobres antepassados.

O poema de Anchieta apresenta o princípio da identidade, que Emil Staiger, em seu livro *Princípios Fundamentais da Poética*, aponta como uma das características do gênero épico. Nos poemas homéricos, Atena, por exemplo, é sempre a "Antena de olhos glaucos". Esse tipo de caracterização, explica Staiger, baseia-se no que Herder chama de "memorização consciente". Essa é, para Herder, a base da linguagem e consiste em se destacar determinada característica de um objeto, do qual se forma, assim, um conceito claro.

No *De Gestis*, já temos uma evolução desse "primeiro juízo da alma" (Staiger, 1975:82). Mem de Sá não é caracterizado sempre pelo mesmo adjetivo, conforme ocorria com os heróis homéricos. No poema de Anchieta, ao herói são atribuídos vários adjetivos ("magnânimo", "enérgico", "valente", "piedoso", etc.), sempre elogiosos, destacando seu irretocável caráter. Tal mudança não significa, no entanto, que haja uma alteração qualitativa na concepção do herói épico.

O grande chefe está disposto a sacrificar seu próprio filho na luta contra os índios rebeldes à ação de catequese. Será Fernão de Sá o herói do primeiro livro do *De Gestis*. Ele, como o pai, aparece como um cavaleiro medieval disposto à luta até a morte na sua cruzada para defender os valores em que acreditava: a honra do Pai, da Pátria e a glória de Deus.

Fernão é o único personagem que sobressai no primeiro livro. Como o pai, ele é um homem excepcional, fora do comum; é o "filho querido, ainda na primavera da vida / jovem de coração varonil alma plasmada / nos moldes paternos" (vv. 233-235). Herói épico, é pelas ações que ele se revela e, nas batalhas, demonstra sua fé e coragem. Em seus discursos, Fernão incita os soldados à guerra e lhes infunde a certeza da proteção divina.

A narração da batalha de Chicaré é exemplar na descrição do herói. O perfil negativo traçado para os índios contrasta com a formosura dos cristãos. Enquanto os índios se emboscam nas trincheiras, Fernão, esbelto e enérgico, avança, "trazendo como um sol prateado nas armas fulgentes" (v. 425). Ele é o sol "destocando" as trevas.

A morte de Fernão tem algo que lembra a paixão de Cristo. Ferido mortalmente, a terra treme à sua queda, a natureza chora o seu sacrifício, e ele solta o último suspiro olhando para o céu.

Como aponta o Padre Antônio Cardoso, com grande propriedade, são de inspiração clássica as descrições de viagens, tempestades e batalhas. Ao descrever tanto os feitos marítimos quanto as batalhas terrestres, o *De Gestis* revela sua inspiração direta na *Eneida*. Na sua primeira parte, o poema de Virgílio é uma epopéia de mar, como a *Odisseia*; na segunda, uma epopéia de guerra, como a *Ilíada*. A obra de Anchieta funde as duas narrativas.

Magistralmente descritas são as viagens dos navios cristãos, o trabalho dos marujos, as descrições das tempestades e o afã dos tripulantes para se salvar da força dos ventos avessos. Como esclarece o Padre Hélio Abranches Viotti, no seu ensaio "Anchieta e o Mar", publicado na *Revista Verbum* (Tomo XIV, fascículo 2, junho 1957), esses trechos revelam o profundo conhecimento que Anchieta tinha do mar e, sobretudo, do mar do Novo Mundo. Segundo o Padre Viotti, Anchieta preocupava-se muito, durante suas viagens, com os marinheiros, procurava ajudá-los sempre, amiúde os acudia.

De inspiração virgiliana são também as narrativas das batalhas. Apesar do grande número de lutas travadas ao longo do poema, a narração jamais é repetitiva. Todos os confrontos caracterizam-se por um grande movimento. No Espírito Santo, por exemplo, a batalha é inicialmente fluvial; em seguida, terrestre. Em Ilhéus, a ação começa na lagoa, passando depois para a praia, encerrando-se aí, numa das mais belas imagens do poema: a luta entre índios cristãos e pagãos nas águas do mar.

Os discursos ponderados dos personagens também são, aponta o Padre Cardoso, de influência clássica. No que diz respeito aos discursos dos personagens, é importante lembrar o que Spitteler afirma ser uma característica do épico, que é "tornar tudo um acontecimento vivo" (Apud., Staiger, 1975: 83). As falas dos personagens, as suas orações são a exteriorização dos seus pensamentos, que dificilmente chegaríamos a conhecer de outra forma. Há de se considerar também que os discursos do poema têm preponderantemente uma função educativa.

Através dos seus heróis, Anchieta nos ensina a importância da fé em Deus, para quem nada é impossível, e exalta a glória da vida eterna, que tanto mais vale que a glória dos dias efêmeros da vida terrena. Anchieta mostra que, tendo fé, nada do que pedimos nos será negado. A vitória dos portugueses é, com efeito, fruto não só do valor de um povo, mas de sua fé inamovível.

As qualidades de Mem de Sá como chefe administrativo e político sobressaem nos seus discursos ao povo colonizador e colonizado. Em suas falas, o governador se faz portador da fé da nação. Discursando a colonizadores e colonizados, Mem de Sá evidencia que não se deixa abalar pelas críticas dos colonos à ação civilizadora que impele aos índios. Novas leis morais e civis continuam a ser impostas.

Os pronunciamentos diretos de Mem de Sá aos índios são igualmente importantes. É exemplar o discurso que consta do livro III, quando os índios pedem paz, depois da derrota em Paraguaçu. Em troca da paz pretendida, os índios deverão deixar seus antigos costumes, abandonando primeiramente a antropofagia, e terão de cessar as guerras entre si. O governador exige que eles se convertam ao cristianismo e erigam igrejas. Deverão ainda pagar tudo o que roubaram dos portugueses, mais os tributos devidos./

O discurso colonizador está claro nas palavras do governador. A menção aos tributos, que, aliás, ocorre em vários trechos do poema, sublinha a eficiência com que Mem de Sá se dedicou à implementação dos interesses da Coroa portuguesa.

As comparações que encontramos no poema são de inspiração virgiliana. Fernão é um leão ferido pela turba dos caçadores (vv. 635-641); os soldados de Mem de Sá, preparando-se para a batalha de Paraguaçu, são comparados a abelhas atarefadas na colmeia (vv. 1821-1832); os índios de Cururupeba, ao verem o castigo dado ao chefe fogem como pombas diante do gavião que esquartejou uma delas. Essas e outras comparações estão no *De Gestis*. Anchieta vale-se de um recurso virgiliano, mas não se limita a copiá-lo. As comparações originais são filtradas, quinze séculos mais tarde, pela sensibilidade de um homem que se dedica a descrever um mundo novo.

A poesia anchietiana enriquece-se de imagens do novo continente e de neologismos que os novos tempos exigem. Com efeito, aparecem termos como "bombanda", "ferrum fusile" e uma descrição, em latim, do fabrico da pólvora (vv. 2767-2770).

A grande originalidade do poema está, no entanto no seu aspecto nativista, nas minuciosas descrições da natureza, do clima tropical e do homem indígena. As descrições da natureza demonstram o grande conhecimento que o autor tinha das terras do Brasil e situam detalhadamente cada uma das batalhas do governador.

O Espírito Santo é retratado com seus campos fecundos e litorais rochosos. Ilhéus nos aparece com seus campos de cana-de-açúcar. Anchieta "pinta" a lagoa de Itapé, que circunda as tabas da região de Paraguaçu, com seus altos montes e vales cobertos de densas florestas. Na Baía de Guanabara, a Ilha de Villegaignon nos é descrita em todos os

seus detalhes, com sua colina de palmeiras, o forte, a cisterna d'água, as casas e a fortaleza principal, na parte mais alta.

Nas viagens marítimas dos portugueses, Anchieta se preocupa em fornecer dados meteorológicos do local. O vento sul carrega chuvas torrenciais e agita os mares; o vento norte varre as nuvens e permite uma viagem tranqüila para as capitânicas do sul.

Aparecem, no poema, as maravilhas da natureza tropical, como os papagaios, que tanto fascínio despertavam nos europeus de então. É curioso que, por falta de vocábulos específicos, os papagaios são descritos por paráfrase: "animais que imitam as maneiras humanas" (v. 2320).

O elemento brasileiro entra também em algumas comparações do poema. A imagem das baleias na Baía de Ilhéus, agitando o mar na época da fecundação, é de uma beleza ímpar. Anchieta compara a agitação das baleias à luta entre índios cristãos e pagãos, descrevendo um espetáculo que, como relata Fernão Cardim, no seu *Tratado*, não era raro aos habitantes do Brasil.

O índio aparece no poema na sua vida cotidiana, nos seus rituais, nas guerras contra os portugueses. É sempre com forte desgosto que Anchieta se refere ao índio hostil à ação civilizadora. Não podemos, todavia, dizer com isso que o jesuíta esteja contra o índio. Igual desprezo sente ele pelos hereges franceses, seguidores de Lutero e Calvino. O que, na verdade, lhe inspira horror é o índio pagão e antropófago.

A antropofagia aparece como *leitmotiv* das descrições indígenas. Nenhuma referência se faz, no entanto, às crenças e rituais que estavam por trás desse costume. É por puro atraso e sede de carne e sangue humano que, por exemplo, o Bispo Pedro Fernandes Sardinha teria sido martirizado pelos caetés.

A ideologia jesuíta da Contra-Reforma permeia a visão do índio no poema. É com as seguintes palavras que se faz a primeira descrição do homem indígena: "Imersa na mais triste miséria, / soberba, desenfreada, cruel, atroz, sanguinária, / mais feroz do que o tigre, mais voraz do que o lobo, / mais assanhada do que o lebréu, mais audaz que o leão, / saciava o ávido ventre com carnes humanas" (vv. 134-139). O índio, para Anchieta, vive nas trevas, está longe de Deus. O "herói das plagas do norte" (v. 149) — Mem de Sá — será o enviado divino para resgatar sua alma perdida. Anchieta é enfático nessa sua posição antagônica aos pagãos, e o índio infiel será sempre "feroz", "animal feroso", "bárbaro".

Na sua descrição do indígena, Anchieta nos fala detalhadamente dos seus hábitos, como o nomadismo, a falta de casamento estável e a feitiçaria. O poema nos oferece uma descrição dos instrumentos musicais e enfeites dos índios. Sendo o *De Gestis* uma epopéia de guerreiro, é nas batalhas que Anchieta retrata mais o índio, com sua flechas, seu ta-

cape e seus horrendos gritos de guerra. A descrição da morte de um índio e de um português são contrastantes e sintomáticas da imagem que dos dois povos constrói Anchieta. Ao falar do português ferido por uma flecha, diz Anchieta: "Tomba ele mortalmente ferido / e exala para logo o derradeiro suspiro" (vv. 465-466). Para o índio, o tom é diferente: "É tudo pressa, tudo azáfama: a este fende-lhe o peito / um golpe de espada e a ferida fatal lhe devassa / o abismo profundo; raivosamente o selvagem se vira / de boca para o chão natal, e morde a terra morrendo" (vv. 485-488).

Entre os "selvagens brutais", a única figura que se destaca é a do chefe Cururupeba, descrito em tons altamente irônicos. Nada tem ele da valentia e coerência do chefe português e, na sua arrogância e reação à ação civilizadora, é comparado a um sapo: "... tal o sapo escondido na cova, enchendo a pele e a bocarra, / parece ameaçar morte cruel com a baba empestada, / e mal do buraco o tiram com a mão, desaparecem / os sinais da raiva e deixa-se arrastar impotente" (vv. 878-891).

Na nítida preocupação de distinguir o bom português do índio pagão, mau, é interessante notar que Anchieta não faz referência à causa da batalha de Ilhéus. Sabemos, graças a uma carta de Nóbrega a Tomé de Souza, de 5 de julho de 1559, que os índios se revoltaram pelo fato de os portugueses terem matado dois índios e não terem feito justiça, punindo os assassinos.

A voz do índio raramente é ouvida ao longo do poema. No que diz respeito à sua língua, a única referência que se lhe faz é na ocasião da morte do bispo, em que se diz que ele implorou pela vida "nos termos que pôde" (v. 2251). Sabemos, aliás, graças ainda às cartas de Nóbrega, que o bispo pouco se interessava pelos indígenas.

Os índios falam entre si só em momentos de raiva e furor contra os cristãos e — é interessante apontar — o único momento de diálogo entre índios e portugueses aparece no livro III, quando, depois da derrota de Paraguaçu, os pagãos pedem paz a Mem de Sá: "Vencidos, pedimos paz: já não recusamos os ombros / o peso da sujeição. Dá-nos a paz, nós to pedimos, o Chefe! / Impõe-nos as leis que quiseses, que nós as cumprimos" (vv. 2062-2064). Anchieta, é claro, deu espaço à voz do "juízo". A razão do "outro" não é ouvida.

O discurso que no final prevalece no poema é, sem dúvida, o cristão. Por isso poderíamos dizer que o *De Gestis* é preeminentemente um poema religioso. Nessa sua característica, ele se afasta significativamente do poema épico tradicional.

É a Cristo, e não às musas, que se dirige a *Invocatio* do poema: "Tu, ó Jesus, ó clara luz do firmamento sereno, / ó fulgor sem ocaso, ó

imagem do brilho paterno, / ilumina-me a mente cega, aclara-me a alma / com esplêndidos lampejos" (vv. 119-122).

É o Deus cristão, e não os deuses pagãos, que intervém e se intromete na ação do poema. Ele está por trás das vitórias portuguesas. Numa prosopopéia do medo, Anchieta nos conta o episódio do anjo mandado por Deus para incutir terror aos franceses, permitindo, assim, que os lusos tomem posse da Ilha da Villegaignon.

A descida ao Hades é a empresa mais audaz para o tradicional herói épico, inclusive para Enéias. No *De Gestis* a descrição do reino dos mortos aparece numa magistral descrição do ódio e caos do inferno quando da chegada da palavra de Cristo ao Novo Mundo.

O poema está todo impregnado da linguagem religiosa cristã e, se referência se faz à mitologia pagã, chamando por exemplo o céu de Olimpo, o inferno de Estige, etc., podemos considerá-la como mero recurso de estilo.

É importante reconhecer que o *De Gestis*, embora riquíssimo em influências da tradição épica clássica, é ao mesmo tempo uma obra única. Nela Anchieta revela-se um original humanista e excepcional poeta. Ao lado das inovações que encontramos no poema por seu aspecto cristão, está o seu 'ado nativista. As lindas e minuciosas descrições do Novo Mundo e do homem indígena fazem do poema uma composição particularíssima.

O espírito da Contra-Reforma permeia a obra e reflete-se numa estética que podemos definir como pré-barroca, pelas suas imagens vibrantes e pela sua intenção moral. Embora escrito em latim, o poema, como diz o Padre. Cardoso, "é genuinamente americano, pela cor local que o autor comunica à descrição de cenas do Brasil selvagem, colonial e guerreiro" (Introdução). Por tudo isso, o *De Gestis* é o grande poema épico da realidade brasileira do século XVI.

BIBLIOGRAFIA

Anchieta, Pe. José de. *De Gestis Mendi de Saa*. Edição do Pe. Armando Cardoso, São Paulo, MEC, 1970.

Azevedo Filho, Lodegário Amarante de. *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*. Rio de Janeiro, Guernasa, 1966.

Cardoso, Pe. Armando. "Introdução Histórico-Literária", in *De Gestis Mendi de Saa*. São Paulo, MEC, 1970.

- "O Humanismo de Anchieta no Poema de Mem de Sá". **Verbum**, Rio de Janeiro, II (4), 1945.
- Castelo, José Aderaldo. **Manifestação Literárias da Era Colonial**. 3. ed. São Paulo, Cultrix, 1969.
- Collins, Rev. W. Lucas M.A. **Virgil/Horace. Ancient Classics for English Readers**. Edimburgh/London, William Blackwood and Sons, 1880.
- D'Onofrio, Salvatore. **Da Odisséia a Ulisses (Evolução do Gênero Narrativo)**. São Paulo, Duas Cidades, 1981.
- Highet, Gilbert. **La tradición clásica. Influencias griegas y romanas en la literatura occidental**. México, F.C.E., 1954, 2 vols.
- Martins, Maria de L. de Paula. "Introdução", in José de Anchieta, **Poesias**. São Paulo, Itatiaia, 1989.
- Portela, Eduardo. **José de Anchieta**. Rio de Janeiro, Agir, 1959.
- Staiger, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- Viotti, Pe. Hélio Abranches. "Anchieta e o Mar". **Verbum**, Rio de Janeiro, XIV (2), junho 1957.
- Virgílio Marão, Públio. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo, A Montanha, 1983.